



## GT 061. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Renata de Castro Menezes (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, Rodrigo Toniol (Unicamp) - Coordenador/a

O crescimento da literatura das ciências sociais dirigida às materialidades, objetos e coisas é fato notório. Nas últimas décadas, a diversificação de abordagens teórico-metodológicas mobilizadas pelo tema tem se refletido na consolidação do que já é quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é dar sequência às discussões levadas a cabo nas três ocasiões anteriores, nas RBAs, e reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo e controverso na relação com a religião? Estatuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em formas sensoriais diferenciadas da experiência com o sagrado?

### **O Sangue no processo de constituição de pessoas, objetos sagrados e divindades nos terreiros do Recife/PE.**

**Autoria:** Lígia Barros Gama

Tema de minha dissertação de mestrado, defendida no ano de 2009, cujo foco foi o simbolismo e as representações deste líquido sagrado, o sangue é agora na tese de doutoramento é continua alvo de minhas atenções sob a luz de outros aportes teóricos inseridos em novas análises. Na ocasião, pude perceber o sangue como um símbolo-chave do candomblé, sendo ele associado nesta cosmovisão a diversos significados, muitas vezes paradoxais. Como principal fonte do axé, é por meio do sangue sacrificial que o povo de santo faz a manutenção desta energia vital individual e coletiva, incluindo aí os próprios orixás e dos laços sociais estabelecidos na família de santo. Elemento central no imaginário desta religião, também chamada de xangô pernambucano, o sangue se esvai dos limites físicos dos terreiros, tornando-se um demarcador de identidade religiosa. E por usar o sangue em seus rituais que seus adeptos são estigmatizados e discriminados. Estudar o sangue e seus usos nas religiões indoafrobrasileiras permanece um tema caro à Antropologia, uma vez que este material sagrado circula efusivamente entre os âmbitos rituais e políticos propiciando contextos de tensões e, sobretudo, constituindo pessoas e sejam enquanto sujeitos religiosos sejam enquanto cidadãos engajados?, artefatos sagrados (o chão come?, os ilus comem?...) e as próprias divindades, objeto desta comunicação. E, desta forma, a proposta será desenvolvida fazendo uso de dados coletados desde o ano de 2005, quando comecei a esboçar meu interesse pela Antropologia, pelo candomblé e pela presença do sangue em suas práticas sacrificiais, observando como se dá o processo pelo qual o sangue faz o candomblé ser o que é, assim como o processo pelo qual o candomblé faz o sangue ser o que é. Múltiplos.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

